

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

D.º Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

A educação d'hoje	<i>Rodrigo Moreno</i>
Immortalis est enim memoria illius.....	<i>P.º Henrique Gomes</i>
Panegirico de S. Luiz	<i>P.º Hermano Amandio</i>
A Ordem de S. Bento e os Leprosos.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Tristezas ao sol-posto (poesia).....	<i>Rangel de Quadros</i>
Notas	<i>Bruno d'Almeida</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

AOS SRS. ASSIGNANTES

Pedimos aos srs. assignantes o favor de satisfazerem a importancia de suas assignaturas por meio de vales ou notas ou como melhor intenderem, pois a cobrança pelo correio fica excessivamente dispendiosa.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

Passeio a Vizella

Foi a 9 do corrente, dia do Sagrado Coração de Jesus, que se realiso o passeio annual, que este anno tocou á aprazivel estancia thermal de Vizella.

O dia amanheceu sereno e lavado, embora presagiando uma grande calma.

No collegio tudo era movimento e vida. Pois, se se tratava do passeio grande!...

A horas competentes marchamos em numero de 120 para a estação, acompanhados dos nossos dignos directores e professores.

Levava a rica bandeira do Collegio o nosso companheiro Aureliano Leite.

Assim atravessamos as principaes ruas de Guimarães, já debaixo d'um sol verdadeiramente abrazador.

Na estação aguardavam a nossa chegada alguns cavalheiros amigos do Collegio de S. Damaso, que nos acompanharam. Embarcamos muito ordenadamente, occupando cinco *wagons*, e lá fomos parar na estação de Vizella.

Aqui esperavam-nos varios cavalheiros, o nosso digno Professor P.º Firmino Bravo, e uma banda de musica, e logo subiram ao ar numerosos foguetes annunciado a nossa entrada n'um dos mais formosos canteiros do grande jardim do Minho. Entramos e fomos desfilando por entre as alas compactas de povo até a Alameda, onde fomos saciar a sede, que nos atromentava, sob uma copada ramada do snr. Joaquim Pinto.

A musica tocou algumas peças do seu sempre variado repertorio.

Em seguida, apoz breve descanso partimos para o sitio dos Carvalhos, onde nos esperava a familia do director do nosso magnifico passeio, o rev.º P.º Firmino Bravo e uma abundante merenda á antiga portugueza—

Abancou-se cada qual por onde pôde, e fazendo das mãos garfo e colher transportamo-nos assim aos tempos primitivos.

Merendamos no meio d'uma alegria franca e da mais expansiva camaradagem.

Terminado que foi aquelle magnifico banquete, viemos margem do rio abaixo, depois de havermos saudado a illustre familia Bravo, cuja bondade e fino trato muito nos penhoraram. Os nossos condiscipulos Augusto Vasconcellos e Francisco Barboza encarregaram-se de intepretar os nossos sentimentos. Bem hajam.

Reentrados na povoação, por obsequio do snr. dr. Alilio Torres, estremo pae dos nossos companheiros Joaquim e Anonio Torres, visitamos o extenso e formoso parque da companhia das aguas. Notamos muitos e importantes melhoramentos, ali ultimamente realizados.

Não tivemos tempo de ver o magnifico estabelecimento balnear, o que de véras sentimos.

Viemos pela igreja matriz, onde fizemos uma breve oração.

Eis-nos, finalmente de volta para estação seguidos d'um grande numero de banhistas. Chega o comboyo. Emquanto uns se despedem de parentes e amigos, outros entram precipitadamente nos carros.

Quem aproveitou no meio de tudo isto fomos nós e mais alguns companheiros que nos achamos, não sabemos porque arte, magnificamente installados n'um carro de 1.ª classe.

Depois, no fim de tudo, a saudade por um dia tão agradavelmente passado, e a esperança em outros igualmente alegres.

Aos vizellenses que tão bizarramente nos receberam os nossos agradecimentos.

Um collegial.

Boletim do collegio

— Matricularam-se mais alguns alumnos.

— Continúa sendo excellente o estado sanitario do collegio.

— Durante a segunda quinzena de agosto e todo setembro haverá aulas para os alumnos que tiverem de fazer exame na segunda epoca. Para os restantes são feriados os dois mezes.

— Para os alumnos agora approvados em portuguez e francez, abrem-se

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

no dia 6 de julho as aulas de *Geographia e inglez.*

—As mensalidades durante agosto e setembro são de 12\$000 reis.

—Os exames tem corrido com extrema felicidade, havendo já as seguintes approvações e distincções:—

Mathematica 3.º e 4.º

Avelino Augusto Vieira Pinto
Basilio Augusto Vieira Pinto
José Ferreira Leite

Mathematica 5.º

Joaquim Hermano (*distincto*)
José de Freitas Ribeiro de Faria

Francez

Francisco Xavier Alves da Rocha
Altino da Costa Maia (*distincto*)
Albano José Peixoto
Alberto M. Sampaio Bastos
Antonio Maria de Pinho e Souza
Antonio Peixoto do Amaral e Freitas
Antonio Anibal de Freitas Coutinho
Antonio Augusto d'Oliveira
Augusto de Campos Pinto (*distincto*)
Arnaldo V. Neves da Cruz
Arlindo Candido Martinó
Arthur Pacheco Dias Freitas
Adelino Leite Faria
Duarte Vasco d'Aguiar
Manoel Gaspar Coelho da Motta Prego.

Portuguez

Augusto de Campos Pinto (*distincto*)
Abilio Antunes d'Azevedo.
Alberto M. de S. Bastos
Albano José Peixoto
Antonio Peixoto do Amaral
Antonio Maria de Pinho e Souza
Antonio Augusto d'Oliveira
Arthur Pacheco Dias Freitas
Arthur Teixeira Lima
Arlindo Martinó
Adelino Leite de Faria
Arnaldo Vieira Neves da Cruz (*distincto*)
Francisco Xavier Alves da Rocha
José Ribeiro Guimarães

Latim 5.º e 6.º

Luíz Augusto d'Araujo (*distincto*)

Um collegial

Boletim da Associação de S. Luiz

No dia 15 do corrente realiso-se a cerimonia da posse da nova mesa d'esta florescentissima associação. Presidia á sessão o rev.º P.º Oliveira que, depois de resolvidas algumas questões previas, passou a ler um extenso e bem elaborado relatorio acerca dos trabalhos da meza da sua presidencia. Por elle se vê o muito que se fez em tão pouco tempo e a muita actividade e dedicacão dos membros da direcção transacta.

O relatorio, a todos os respeitos interessante, accusa a importante receita total de 160\$100 reis e a despesa total de 177\$000 reis.

Em seguida o presidente convidou a nova meza a tomar os seus respectivos logares, realisando-se o acto da posse com toda a solemnidade. A nova meza ficou assim formada: rev.º Hermano Amandio, presidente nato, Carlos Ribeiro Borges, presidente, Duarte V. Aguiar, secretario, Avelino Vieira Pinto, Thesoureiro, Fernando Girão e Albano Mesquita, procuradores. Assumida a presidencia, o rev.º P.º Amandio desenvolveu em um simples e substancioso discurso, todo o programma da nova direcção da associação de S. Luiz.

Prestou homenagem aos importantes serviços da direcção sua predecessora.

Usaram, em seguida da palavra o ex-presidente, Augusto Vasconcellos e o ex-secretario, Francisco Barbosa, os quaes se avieram brilhantemente. Os seus discursos muito bem feitos, constituíam o elogio do ex-presidente nato, rev.º Pliveira.

Tambem usou da palavra com notavel correcção o presidente Carlos Borges, que igualmente se referiu com palavras de subido louvor á meza antiga.

Ainda se fizeram ouvir outros oradores.

Tudo leva a crer que a nova meza saberá corresponder á expectativa de todos os associados. O rev.º Oliveira pediu para a mesma um voto de confiança e cengratulação, o qual foi calorosamente applaudido.

*

O dia de S. Luiz, 21 do corrente, foi dia sanctificado para o Collegio de S. Damaso.

De manhã, o presidente nato resou uma missa a que assistiram todos os associados, cantando-se no fim o hymno de S. Luiz.

A missa foi acompanhada a órgão. O altar do Santo achava-se bellamente adornado e com bastantes lumes.

N'este dia, devido talvez á protecção de S. Luiz, ficaram dois alumnos *distinctos* no Lyceu de Braga e todos os mais approvados.

Em attenção aos muitos serviços e dedicação que o rev.º Oliveira sempre prestou á Associação de S. Luiz, a nova direcção proclamou-o, consultada previamente a assembleia, presidente nato honorario.

Um socio

5.ª LIÇÃO DE PORTUGUEZ (1)

Acostumae-vos a falar com acerto a lingua materna. O que mais distingue e extrema os povos é a differença do falar.

Cormenin.

São gallicismos inadmissiveis as seguintes expressões:—

Perdeu a cabeça. Diga-se: *irritou-se* etc.

Que seja feliz, que se acutele, etc. no principio do periodo.

Reclamar alguma coisa. Reclama-se contra alguma coisa.

De resto. Diga-se: *quanto ao mais, em tudo o mais.*

Crimes que revoltam. Diga-se: *escandéisam, irritam.*

Isso salta aos olhos. Diga-se: *é claro, é evidente,* etc.

Tratavam-nos de resto, Diga-se: *despresavam-nos,* etc.

Obliveram successo. Diga-se: *exito, bom resultado.*

Abordar a questão. Diga-se *tratar a questão, abeirar-se da questão,* etc.

(*Continúa*)

O. L.

Relatorio da Associação de S. Luiz

Começamos hoje a transcrever o importante relatorio da direcção transacta d'esta florescente associação e continuaremos nos numeros seguintes:—

«*Advertencia.* No relatorio e contas

(1) O Sr. P. S. resolveu finalmente replicar á minha resposta. Lisonjeia-nos muito a sua resolução.

que vamos ter a honra d'apresentar á judiciosa apreciação dos prestantes membros da Associação de S. Luiz Gonzaga não vae inclusa a vaidade de alardear serviços, nem o desejo de mendigar applausos. Aquelles prestamol-os até onde podíam as nossas forças, estes temol-os na sancção da nossa consciencia. Tanto nos basta.

«Os estatutos porque se rege a nossa Associação não determinam a confecção de relatorios no fim de cada gerencia. Foi, com certeza, devido ao esquecimento que o legislador deixou de providenciar acerca d'um assumpto de tamanha importancia para o bom e perfeito regimen de qualquer associação.

«Nós julgamos interpretar fielmente o sentir do auctor dos Estatutos e bem assim o da maioria dos socios, escrevendo o presente Relatorio. Este nosso humilde trabalho, attenta a precipitação com que foi elaborado, ha de ter imperfeições e quiça erros de que desde já nos confessamos culpados.

«Segue o Relatorio para o qual chamamos as vossas attenções.

Collegio de S. Damaso, dia de Santo Antonio do anno de 1893. O presidente nato, Antonio Joaquim d'Oliveira.

«*Relatorio* Senhores Associados: Pela ultima vez que subimos a este logar, onde nos collocou a vossa confiança, julgamos do nosso dever submeter á vossa consideração a resenha dos trabalhos da nossa gerencia durante o anno economico de 1892-1893, que hoje finda.

«Antes de tudo, cumpre-nos dar graças á Divina Providencia por nos ter ajudado a soffrer difficuldades e a remover obstaculos que naturalmente sahem ao encontro de instituições nascentes. Com o auxilio de Deus e como favor do nosso Patrono, S. Luiz Gonzaga eis-nos finalmente chegados ao termo da nossa gerencia, a qual se não foi tão fecunda quanto devera ser, foi-o todavia tanto quanto nol-o permitiam as nossas forças.

*

«Tres são os factos capitaes da primeira gerencia da Associação de S. Luiz de Gonzaga, a saber a sua instalação, a acquisição da imagem e finalmente, como coroa e remate. a brilhante festa em honra de S. Luiz, effectuada no fim do proximo passado mez de maio.

(*Continúa*)

A EDUCAÇÃO D'HOJE

Alteri mores!

A aurea mocidade de tempos que lá vão ha muito, bebia a sua educação forte á sombra do tecto paterno e nas lições colhidas em plena sociedade. A familia era para a alma um tonico milagroso: arrijava o caracter do joven e burilava-lhe fundo no coração o amor á virtude. A mãe piedosa, d'uma piedade sancta, que a hypocrisia não sarjava, aleitava-lhe o espirito tenro, com os principios vivificantes do christianismo e, postas na attitude angelica da supplica, as mãos pequeninas, ensinava-lhe a delectrear nas fulgurancias do ceu estrellado e na magestade do mundo vastissimo, o grande nome de Deus. O lar era então o vestibulo do templo e da escola e o limiar da sociedade; ali n'aquelle recinto edenico, com fragrancias de jardim e recatos de sanctuario, se formou a velha alma lusitana, opulenta de virtudes como nenhuma, como um cristal, immaculada. N'uma lição contínua e fecunda de todos os dias, ou antes, de todas as horas, a voz auctorizada e respeitada d'um pae e o acarinhamiento perspicuo d'uma mãe, iam persistentemente crystalizando as noções sanctissimas dos deveres.

Edificava-se assim o primeiro lanço da educação, sobre o chão firme da auctoridade e do amor, em todas as camadas sociaes, desde os salões brazonados dos felizes até as mansardas miseraveis dos anonymos. D'ahi manava um bem immenso: trazia o moço para a sociedade uma alma d'oiro a par d'um corpo d'aço e o espirito nacional feito de parcelas de tão bom quilate, expandia-se firme e ousado na virtude e na devoção civica, e derramava-se fluxuosamente na espiral luminosa do triumpho, erguendo sempre a honra á plana d'um culto e a gloria á nobre altura d'um ideal suspirado.

Venturosos tempos!

Do conchego amoroso do lar o joven — ave já emplu-

mada — desferia os primeiros adejos no stractum social, para ali firmar as forças tennes e os lineamentos mal esboçados da educação primeira. Do lar partia-se para a escola. Não ia porém o tempo todo no remanso quieto do estudo: dos livros era modesta e parecia a lição haurida, ainda que, justiça é constatar-o, era muito mais substanciosa, muito mais eficaz, muito mais firme do que a fragmentada, a superficialissima educação literaria d'hoje.

Ao lado e a par da escola do pensamento, estadeava-se e quiçá em proporções grandiosas o gymnasio do organismo. E esse gymnasio opulentador d'uma raça heroica, erguia-se em toda a parte, em pleno ar e plena alegria, nos exercicios d'armas, nos jogos atheleticos, nas ruidosas toiradas, nas justas, nos torneios e nas voltas nocturnas: era tudo o que infunde no organismo a seiva capitosa da vida, tudo o que transforma os musculos em barras d'aço, tudo o que transforma o corpo n'um animal excellente, excellente e rijo como um bruto!

E, porque o *mens sana in corpore sano* não será jámais desmentido, esse rijo animal conjugava em vivida harmonia, ás forças da vida organica, as forças da vida animica, o arrojo destemido nos emprehendimentos, a alegria, a saude. A' sua educação sã e forte, que assim congregava n'um enfeixamento robustissimo as energias d'alma e as do sangue, se deve o momento homerico de gloria que na historia attingimos.

Hoje, o lar perdeu o ar mystico de templo e a feição veneranda de escola, e os bons Penates antigos, nem em realidade nem em symbolo, conseguem já despertar a attenção dos seus devotos. A rajada fria de modernismo que derrocou a fé e as tradições, não poupou tambem a familia — a cellula da sociedade —.

O carinho de mãe parece ter perdido a perspicuidade providente, para se tornar em mero sentimento, que não poucas vezes condescende até o ridiculo e amima até perverter. Por sua vez, a antiga, e prestigiosa auctoridade paterna desceu tambem bastante do altissimo pedestal d'onde dominava

conciliando respeito e amor: ou cuidados mil o desertam do convívio da família, ou os vícios que ali florescem á larga, lhe salpicam também a toga que convinha manter impolluta. A verdade é que o chefe da família, já as mais das vezes não conserva aquelle tradicional tino e vigor educativo que outr'ora teve. Além de que, a creança d'hoje, mal tem tempo de se aquecer ao fogo sagrado do lar. Do berço passa para o meio irrequieto das escolas. Os breves annos da inconsciencia passados entre o berço e os livros não são por certo o lapso de tempo mais azado para gravar em espiritos tenros como flores mal desabrochadas, principios que perdurem e resistam e informem a vida.

Se na familia a educação d'hoje é nulla, pouco mais vale na escola, no collegio, no lyceu, no seminario, pela orientação estreita que se lhe dá, e pelo fim errado que visa. Cedamos o logar a um distincto escriptor:

«O douto o erudito o sabedor é o producto idéal, o imaginario o a que a actual educação aspira mas que não realisa; e, consequentemente o menos mau.

O peor é o certo, o real, o realizado, a saber, n'uns casos, e sob o aspecto physico, enfezados, doentes, nervosos, myopes, em outros, e sob o aspecto intellectual, sujeitinhos atapalhados de muitas nações mal escolhidas, mal adquiridas, a troxe moxe, apressadamente, sem reflexão quasi sempre, sem comprehensão muita vez, para alarde proximo n'um exame esteril, apoz o qual todas essas noções desordenadamente accumuladas para luzirem n'uma mostra que não hesito em qualificar de estúpida, ao calor da verdade se desfazem, diluem, esvaem no ar, deixando, como sedimento, na alma d'um pedante um inutilão, e, nas suas mãos um diploma apeninas.»

E isto é verdade a valer: a instrução que ali se ministra, apesar d'uma farfalhosa galeria de exames e de livros, de aulas e de institutos, não passa d'uma formosa miragem; apesar de ser a sciencia o centro convergente de todo esse rico scenario, a nossa educação litteraria não produz sabios, nem eruditos, nem sabedores.

Não vac porém n'isto o grande sestro da educação moderna; este está sobretudo no quasi total anniquilamento do character, na perversão dos sentimentos, no desprezo da idea religiosa, que de tudo isto, com ser o mais, pouco se cura hoje.

Não menor vicio é ainda o esquecimento da educação organica, o quasi-desdem votado ao exercicio muscular, desdem este aggravado por um cortejo de habitos viciosos, que põem o corpo a provas derrubantes e pelo estúpido exclusivismo literario. N'este systema profundamente erroneo, que, roendo-nos a fibra da saude e aguando-nos o sangue, nos rouba a validez intellectual e a energia para qualquer esforço, iremos rolando ignobilmente no declive do esphacelamento até a consumpção completa.

Rodrigo Moreno.

IMMORTALIS EST ENIM MEMORIA ILLIUS

(Oração funebre recitada nas exequias do conde de S. Bento)

Senhores: Esquecer os que durante a vida se salientaram por grandiosos actos de benemerencia é uma ingratidão no requinte; tributar-lhes preito de saudades, quando descidos ao frio seio da terra, é uma obrigação imperiosa.

Quem muito vâle muito merece.

Passar os dias da vida em aturada labutação pelo bem da humanidade, trabalhar e trabalhar muitissimo, com tressuações, com esfalfamentos, para depois, mais tarde, transformar o fruto dos suores em orvalho que revigore os outros; receber em pleno peito as settas do desgosto, tragar insultos, soffrer injustiças, velar as noites pensando, gastar os dias n'uma continua faina, querendo muito para dar muito, padecendo muito, gemendo muito para mitigar padeci-

mentos e desafogar corações,— fazer tudo isto pelos outros é adquirir inauferíveis direitos á estima de todos, á veneração de todos, ao amor de todos.

Esmagar com a barra plumbea do olvido a recordação de taes luctadores, ferir com a farpa da ingratição o coração que se abriu desbordante de beneficios, anavallar com a lamina do despreso a mão d'onde jorrou a caudaes o oiro muito brilhante da caridade, oiro sem a liga da vaidade, temperado na fragoa da virtude, seria, seria a descida vertiginosa do apice da dignidade á mais refalsada baixeza.

Esquecer o nobre Conde de S. Bento porque baixou á valla tumular, riscar do coração a imagem d'esse tão illustre fidalgo, porque não tem a animal-o, a movimental-o as calorificações da vida, seria isso, senão mais que isso.

Ha homens cuja passagem pela terra deve ficar indeleavelmente estampada na tela de todas as memorias.

Vós comprehendestes bem o merito excepcional do Conde, conhecestes rapidamente, d'um relance, o vacuo enorme que a sua morte abriu na sociedade e, ennoitadas as almas pelo lucto, afistulados os corações pela saudade, vindes tributar-lhe as ultimas honras.

Deixal-o ir para as regiões d'alem—campa, sem uma lagrima, sem um gemido, sem um threno de dôr bem sentida,—isso não era para vós.

Quizestes dar-lhe o adeus da despedida e vistes aqui balbucial-o a escoar-se dolente pela amplitude d'este templo que elle tanto amava.

A mim incumbiste-me do seu elogio. Escutae-o.

*

Senhores: Vivia ha bastantes annos na freguezia de S. Miguel das Aves, concelho de Famalicão uma familia pobre, mas laboriosa e humilde.

O pão era lhe amassado com o suor do rosto. Trabalhava persistentemente, afincadamente, porque o trabalho era-lhe condição indispensavel para a existencia.

Havia ali muito moirer, como se moirer no campo, desde o alvorecer da aurora até o cair da noite, por valles e por montes, ao sol e á chuva, nos calores do verão e nos frios do inverno.

Santa familia! O patriarcha era Domingos José Ribeiro.

Tinha um filho que não podia crescer á vontade, desenvolver-se, medrar no estreito ambito da terra natal. Queria voar, voar muito alto, subir em remontações longemente distanciadas; precisava para isso de horisontes latissimos e os de Portugal—quem sabe?—talvez fossem apertados de mais para o arrojado de seus vôos, para o alevantado de suas aspirações.

—Ao longe!—segredou-lhe uma voz intima.

Lá está o Novo Mundo a acenar-te, risonho e seductor. Parece uma visão feiticeira, chammas ardentissimas nos olhos, imponencia no porte. Desprende-te dos braços paternaes, diz adeus á doçura do teu lar, ás arvores, aos rios, aos montes, ao ceu da tua patria, e vae, coração saudoso e anhelante, em procura do vellocino. Está lá.—E foi.

O navio baloiça-se magestoso sobre o dorso das ondas. Parece um gigante affrontando destemido as soberbias do oceano.

Na amurada e na praia agitam-se os lenços, marejam-se os olhos de pranto, a todos dôe a separação, mas as ancoras levantam-se e — ao largo! Lá vae.

O mar é sereno, o ceu limpido e o navio fluctua em mar de rosas.

Manoel José Ribeiro contempla assombrado a magestade do oceano revelando altiloquentemente a grandezza de Deus, e do coração sobe-lhe aos labios uma prece que se evola purissima até ao seio do Senhor.

Oh! o mar, que bello nas suas serenidades, que impo-
nente nas suas coleras! Oh! o mar, que formoso e que trai-
goeiro!

É o palacio das sereias.

O navio continua a velejar mar em fôra, prôa voltada

ás praias da America. A rota é conhecida, o piloto experimentado, a viagem hade ser prospera.

De repente, o arcabouço do oceano agita-se em estre-mecimentos que horrorisam, ergue-se em vagalhões enormes.

Desencadeara-se a tempestade e rugia medonha e des-pedaçava a mastreação e rasgava o velame e abria fendas e pelas fendas entrava agua e a agua submergiria o navio.

É preciso arribar, arriba-se e lá volta Manuel José Ri-beiro ás terras de Portugal com o primeiro afistulamento no coração.

Seria já a Providencia a experimentar-lhe a coragem?

Não succumbe; tem esperanza.

Ai! que seria a vida sem as rutilações da esperanza a projectarem-se sobre escolhos bravios?

A esperanza realenta-o, e cravada a vista n'uma estrella muito brilhante que lhe despontara no firmamento da alma, embarca de novo e, transmontada a linha, o navio lá vae abicar ás praias do Brazil.

O Brazil! Eldorado que por vezes se transforma em cemiterio, cemiterio arregoado de sangue, jancado de cada-veres que se decompõem e pulverisam.

O Brazil! Voragem escancarada, rugidora, espumejante, medonha, onde se têm ido afundar, estonteados, milhares de infelizes, infelizes roubados á patria, patria que tanto chora por elles.

O Brazil! Iman de grandeza descommunal voltado para a Europa que se deixa prender, que se deixa attrahir e, fascionada, vae, vae atraz do phantasma que foge sempre.

O Brazil! Quantos braços quebrantados lá, quantas viri-lidades perdidas, quantas esperanças fenecidas, quantas aspi-rações desfolhadas, quantas juventudes gastas sem recom-pensa, quantos heroismos praticados á sombra sem echo, para mitigar a fome, para acobertar o corpo, para acalmar a febre que prostra e definha e mata!

Não basta pisar as terras do Brazil, admirar-lhe a ri-queza do sólo, contemplar-lhe a opulencia das cidades, a pujança da vegetação, a ardencia do sol, para conquistar o

velocino. Não ha quem, ao chegar ahí, possa clamar num enthusiasmo de vencedor:— *Veni, vidi, vici.*

Para que os loiros da victoria enmastrem rebrilhantes a frente, é preciso trabalhar e muito, incansavelmente, de sol a sol, as camarinhas do suor a aljofrarem a frente, grossas e amaras.

E o trabalho, meus senhores, não rebaixa, sublima; é insignissima nobreza, altissima gloria.

Luctar ou sangrando as veias da terra, ou desenhando na tela, ou burilando no marfim, ou martellando na bigorna, ou prescutando os arcanos da sciencia, indo até muito lá cima, ou descendo até muito cá abaixo, não é cahir o homem do pedestal da dignidade humana, é ir trepando, trepando até lhe chegar ao fastigio.

Não trabalhar é pôr entraves á marcha triumphal do progresso, é beber á sociedade o sangue o mais puro.

Não trabalhar é jurar bandeiras no exercito do bandidismo.

O ocioso é vampiro, é vibora, mais que isso, é monstro.

Trabalhar é empuxar a humanidade sempre para a frente, rasgando-lhe novos horisontes, abrindo-lhe veredas mais largas e mais extensas, é alentá-a quando afrouxa, vitalisá-a intumescendo-a de seiva rejuvenescedora.

O trabalhador é sempre um benemerito.

O trabalho, é uma virtude e toda a virtude é um dever.

Manoel José Ribeiro cumpriu fielmente, integerrimamente, exemplarissimamente, este dever que nobilita grandemente, este dever santificador.

Cumpriu-o, olhos postos no horisonte do futuro, na familia e na patria.

Trabalhou, trabalhou e a fortuna não lhe foi descarovel; sorriu-lhe amorosa.

No campo da lucta pela vida foi um luctador dos de primeira plana.

Quantas fadigas supportadas, quantos suores derramados, quantas nostalgias soffridas, quantos desgostos tragados, quanto fel bebido lá, na arena de combates titanicos?

Quantas vezes a desesperança havia de pesar-lhe sobre o coração!

Quantas vezes a duvida havia de ensombrar-lhe a alma!

Mas era de rija tempera, de envergadura bronzea, e resistiu, campeão destemido, aos embates do inimigo.

Bella figura! Figura de athleta!

Luctou deveras como gigante, como hercules, e a victoria foi sua. Loiros, circuitaram-lhe muitos a fronte.

Vivas, repercutiram-se-lhe muitos no coração.

Um espanto, aquelle trabalhador. Foi pequeno, voltou grande. O trabalho agigantou-o, a caridade angelisou-o.

Por elle e por ella immortalisou-se:—*Immortalis est enim memoria illius.*

Collegio de S. Damaso.

P.^o Henrique Gomes.

PANEGIRICO DE S. LUIZ

(EXORDIO)

Fac secundum exemplar quod
tibi monstratum est.

Senhores:

Se Deus é o primeiro dos seres, a religião é sem duvida alguma a primeira das forças.

Quer a considereis na influencia que exerce nas sciencias, letras e artes, quer a considereis como mantenedora dos costumes dos povos, ella será sempre a primeira força do mundo.

A nossa augusta religião, a religião pregada pelo divino Jesus, não é só admiravel na grandeza e magestade dos seus dogmas e na sublime perfeição do seu codigo; não é só uma religião que procura elevar-nos para Deus pelo caminho recto da virtude e do dever, que procura fazer da humanidade

uma unica familia concorrendo assim para o progresso social dos povos, mas é tambem um manancial perene e cristalino de sublimes e fecundas inspirações em todos os ramos do saber humano.

O artista ahi tem ido colher as mais sublimes inspirações. Tudo que a arte tem de bom, os monumentos mais grandiosos, os trabalhos mais perfeitos na tela no marmore, no bronze e no granito á religião deve a sua existencia.

A arte na antiguidade desceu a profundas objecções por falta de inspiração nobre e digna. Foi a religião que veio como que transformar a arte, depurando-a de tudo o que era vil e objecto e elevando-a ás fulgurantes culminações d'um ideal divino. E d'aqui nasceu uma architectura nova, uma architectura puramente religiosa, a architectura gothica, bella como nenhuma outra, alevantada para o ceo como o ideal que a produziu. E na sempre memoravel epocha da Renascença, n'esse florir exuberante de genios, foi a religião que guiou o pincel e o escopro dos artistas.

A sciencia tambem lhe não deve menos.

A religião é um foco immenso de luz, que tem guiado os maiores talentos na investigação da verdade. Sem esta luz brilhantissima, sem esta bussola, que nos aponte a verdade primeira — Deus — o homem vai d'erro em erro até á negação absoluta. Abri a Historia e vereis, que os genios mais brilhantes, os sabios mais profundos foram verdadeiramente religiosos, profundamente crentes.

Em todos os ramos do saber humano, desde as sciencias metaphysicas até as sciencias positivas, é a religião, sempre a religião a guiar e inspirar o genio: Theologos como Origenes, Santo Agostinho e Thomaz d'Aquino; philosophos como Leibnitz, Mallebranche, Balmes e Descartes; historiadores como Bussuet, os Bolandistas e Cantú; criticos como Veillot e Donoso Cortéz; publicistas como Frayssinous, Chateaubriand e de Maistre; oradores como Bossuet, Lacordaire, Vieira e Malhão, physicos e mathematicos como Bacon, Kepler e Secchi, todos estes homens cujo nome é immortal, foram verdadeiramente religiosos.

Na ordem moral não é menor a sua influencia não é mais limitado o seu campo. Pelo contrario, aqui é que ella exerce toda a sua benefica influencia, aqui é que ella deixa ver bem claramente a grandeza e excellencia dos seus beneficos.

A religião é porto seguro onde o nosso coração angustiado e dilacerado por mil soffrimentos encontra repouso consolador.

Aqui se tem vindo abrigar corações batidos pelas tempestades violentissimas do mundo, e ella apontando-lhes lá para cima, guiando-as através dos espaços para um mundo superior, dá-lhes a paz mais doce e tranquilla. A religião é o sustentaculo mais poderoso da virtude. Só ella é capaz de fixar bem á justa a nossa norma de proceder. Sinceramente religioso, profundamente crente, o homem torna-se um heroe.

Quer o considereis no seio da familia, quer o se sigaes pelos intrincados caminhos da vida social, vereis sempre n'elle a dignidade e a honradez. Aqui, na vida social, é o primeiro a sacrificar-se pelo seu semelhante, a dar os ultimos reaes ao pobre, que lhe estende a mão descarnada pela fome. E se alguma desgraça afflige a humanidade, então essa religião desentranha-se em amor do proximo: vereis como elle sabe sacrificar-se, arrostar peito a peito com a adversidade, praticar acções valorosas, heroicas. Lá, no seio da familia, é esposo modelo e pae amantissimo. Então a familia tem encantos apezar de todos os trabalhos, ainda que seja preciso cavar de dia o pão, que se ha de comer á noite. Então parece que o anjo do Senhor paira sobre esse ninho querido espalhando a flux benções, felicidade, tudo!

Só a religião, só a crença torna o homem bom, n'ella tem força bastanta para reprimir o vicio e pôr diques ás paixões e revoluções sociaes. Sem a religião a sociedade seria um cahos e os homens uns monstros a despedaçar-se em lucta fraticida, sanguinolenta, horrivel.

Só a religião aconselha a resignação, só ella faz do soffrimento uma virtude. Soffrer para o crente é o antegoso d'uma vida feliz; soffrer para o descrente é um supplicio

Esta vida tem por vezes dores profundas, enormes tribulações. Parece que a desgraça se compraz em nos perseguir; parece que o *genio do mal* nos impelle para a orla d'um abysmo insondavel. E' um contineo supplicio de Tantaloo. . .

E o homem n'esta posição verdadeiramente critica, sem uma gota d'agua com que refrigere os labios resequidos pela febre, que estontea, sem a crença, sem a religião, sem a fé, o homem succumbe fatalmente, prefere despedaçar-se a tolerar um soffrimento tão horrivel. Mas divinizado pela crença o homem torna-se um heroe no soffrimento. E' a estatua da resignação. Firme no seu credo arrosta impavido com todas as tempestades da vida.

A religião e só ella é que nos apresenta modelos perfeitissimos, que fielmente devemos copiar. Aquelles, que veneramos nos nomes altares foram outros tantos crentes, que sempre com os olhos fitos n'um ideal divino procuraram identificar-se com elle. Foram uns heroes, que á custa de mil privações, com uma firmeza diamantina defenderam a sua fé sempre e em toda a parte. Foram mais gloriosos conquistadores que Alexandre subjugando imperios, porque conquistaram o ceo; mais ricos que Cresoo nadando em ouro porque possuíam a virtude; mais poderosos que os Cezares a dominar o mundo com suas legiões, porque souberam vencer-se a si.

S. Luiz é um d'esses. A religião sacrificou os bellos dias da sua vida, as mais ardentes aspirações do seu coração. Não houve paixão que não dominasse virtude que não florescesse na sua vida desde o alvorecer da razão até ao tombar na campa.

: P.^e Hermano Amundio.

A ordem de S. Bento e os Leprosos (1)

Entre as ordens religiosas mais benemerentes e que mais bella folha de serviços apresentam, luz sem duvida a de S.

(1) D'um artigo do «cosmos.»

Bento. Conservou-nos com devotado carinho as antigas literaturas, serviu de modelo ás modernas organizações civis, á sombra bemfazeja de suas abbas, agrupou felizes, os dispersos caponezes, serviu de nucleo fecundante ás mais das nossas cidades, contrafez os grandes abusos do sistema feudal e iniciou muitas sciencias de que nós hoje justamente nos ufanamos.

Para não citar mais que um nome, que, graças ao sabio cardeal Pitra, ha sido posto em evidencia em nossos dias, santa Hildegarda abadesa de Saint-Rupert na Alemanha, no principio do seculo XII, compoz uma obra de medicina que mereceu justo e largo renome e fez da sua abbadia o abençoado consultorio de todos os doentes d'aquelle paiz. Era a attracção da sciencia e da santidade!

Este precioso ramo das sciencias, que os beneditinos haviam descurado em seguida, volta de novo a tela com o illustre Sauton, monge beneditino, doutor da Faculdade de Medicina de Paris. Compreendendo á justa a sua missão apostolica e humanitaria de religioso, concebeu um projecto grandioso como a abnegação, que é a um tempo um titulo de fulgida gloria para a sua ordem e um penhor de eterna sympathia para elle—o monge bonissimo.

A lepra é uma doença pouco conhecida desde que desapareceu da Europa sob a forma epidemica, mas infelizmente, graça terrivel, em outros paizes e a dedicação heroica do padre Damien chamou a attenção para esta epidimia cuja natureza é quasi desconhecida sendo por isso tambem nulla a medicação.

E' á lepra que se dedica o nosso monge, o benemerito doutor da Faculdade de Paris, que ambicionou para si a missão augusta de estudar esta terrivel doença e de fundar nos paizes em que ella reina laboratorios e institutos dirigidos segundo o systema Pasteur, na esperanza de que o estudo do microbio da lépra descoberto ha pouco, permittirá chegar a um methodo racional de cura. Esta missão sublime cheia de temerosos perigos honra a valer a ordem de S. Bento. Ella recebeu a benção do Santo Padre que poz á dispo-

sição do medico todas as licenças canonicas que lhe permittirá desempenhar a missão de sabio sem quebra dos seus deveres de religioso. O Cardinal Prefeito da Propaganda deu cartas de recommendação para todos os vigarios apostolicos e poz á disposição do missionario a grande influencia de que dispõe.

Na primeira das suas viagens o Douctor Sautou estudar á lepra na Noruega, na Laponia na Filandia na Turquia, na Asia-Menor e na Grecia; Voltando em seguida a Paris depois d'esta viagem que durará um anno, preparará a segunda serie de experiencias, que começará pelas ilhas de Sandwich e se prolongará até o Japão.

É em Sandwich, onde a epidemia se desenvolve com intensidade, que elle experimentará os seus methodos racionais já preventivos, já medicinaes. Serão os resultados obtidos n'estas ilhas que hão de decidir do tratamento a seguir.

O P.^e Damien foi para entre os leprosos com o fim de os consolar: Sautou impõe-se a tarefa de os curar.

Se o nobilissimo procedimento d'ambos disputa entre si sympathias, a do segundo sobreleva em utilidade. Se ambos forem santos, o segundo é tambem um sabio. Esta campanha, christã na sua origem, apostolica e humanitaria nos seus altos motivos, será scientifica nos resultados, que a benção de Deus converterá em messe opima. Para tentar empresa de tão subida benemerencia, duas qualidades se deviam conjugar em bem estreito laço:—a dedicação sublime e o apostolado ardente. Sauton possue-as a ambas em grau descommum; por isso, ousa crer, que o sendal que venda o futuro, reserva e guarda ao missionario merito uma gloria imperecedoira.

E' delicioso um exemplo assim! Homens d'estes, hoje, quando ahi vemos tudo, tudo e digladiar-se febrilmente e cynicamente na luta crua de egoismos inconfessaveis, commovem e enthusiasmam.

Rodrigo Moreno.

TRISTEZAS AO SOL-POSTO

Apraz-me em tarde amena, branda e t pida,
quando o monte escurece ao p r-do-sol,
o vir sentar-me junto d'estas arvores
a ouvir o trinar do rouxinol.

Traz um mago prazer ao meu espirito
v r ao longe, bem longe esse olival;
al m, a povoa o, j  velustissima,
o valle, o monte, o triste pinheiral!...

Eu amo esta tristeza do crepusculo,
por que tudo o que   triste eu sei amar!
Apraz-me ao cora o este espectaculo
de v r a luz do sol a desmaiar!...

Eu amo a natureza, que ella inspira-me
can es indefiniveis ao Senhor.
Outras vezes me faz derramar lagrimas,
j  filhas de alegria, j  de d r!

Se vejo uma violeta modestissima,
escondida entre folhas a murchar,
n  sei, que pensamento melancolico
minh'alma gosta ent o de alimentar!

O cyprestal, o cedro, a folha p lida;
os troncos, que o inverno j  despiu,
est o na natureza recordando-me
a grata mocidade, que fugiu!...

Amo tudo o que   tri-te, porque g lido
eu j  sinto o meu pobre cora o;
por isso quero vir, nas horas tacitas,
conversar com a triste solid o!...

E, quando o sol se esconde e cessam
innocentes, singelos do pastor,
humilde elevo ao c u minh'alma supplic.
que o sino ent o me diz:—Ora ao Senhor!—

(Aveiro)

Fanzel de Quadros.

NOTAS

Lemos n'uma gazeta :—

•Todos sabemos quão escassa é hoje a educação do padre nos nossos seminarios. Se elle alguns annos consagra ao estudo, não é decerto á cultura das sciencias naturaes, aquellas que lhe podiam enriquecer e fecundar o cerebro, dando amplo racional e philosophico ambito ao seu espirito.»

Se o articulista é injusto com algum dos seminarios portuguezes, não é (ia jural-o) com a grande maioria. E' isto, apesar de tudo, o que a opinião publica sente; não talvez a opinião que se manifesta em algumas gazetas, mas a opinião mais valiosa que vem de consciencia em linha recta sem passar pelo marmel do interesse, do preconceito e da subserviencia.

#

N'uma polemica recente disse-se que um dos contendores remava contra a opinião publica...

Mas os senhores já pensaram alguma vez no que vale essa coisa phantastica a que pozeram a alcunha pomposa de Opinião Publica? Meditem, e digam-me depois se não será uma vantagem remar contra... a voz da inconsciencia e contra a serventuaría impudente do egoismo.

A Opinião Publica... crucificou Jesus!

#

Se ainda fosse preciso mais um argumento que demonstrasse estarmos n'um periodo de anarchia mental, eu chamaria a attenção dos senhores para o que ali se diz e se escreve e se discursa acerca das ordens religiosas. Ha representantes das opiniões todas, todas, desde o horror ao frade até o amor mais fervente. Mais um vez se evidencia a falta absoluta de unidade no campo catholico, logismo fatal de ausencia de um corpo dirigente ou d'um chefe respeitado e obedecido.

#

Não vae ha muito que «A ordem» inseriu um excellent artigo sob o titulo de—*Democracia Christã*.—Articulista illustre, fri-zou com a clareza mais limpida que a Igreja, sociedade cuja constituição íntima, e cuja historia é uma lição constante de franca democracia, não contraria, não se atravessa na estrada que os povos seguem em direcção á republica, que elle chama o governo do futuro.

Presta um bom serviço á causa catholica, a illustre folha, abaten-do com a sua critica judiciosa a estúpida muralha que a myopia, irmã siameza da velhacaria ouse levantar entre a Igreja e qualquer das fórmãs politicas.

Bruno d'Almeida.